

BEHAVIORISMOS: ASPECTOS HISTÓRICOS E INFLUÊNCIAS FILOSÓFICAS

Luiza Macedo Ferreira¹
Sarah Tolentino Soyer Fraga²
Sônia Maria Mello Neves³

RESUMO

O Behaviorismo, compreendido como uma abordagem teórica da psicologia, apresenta três posições filosóficas sendo elas: o Behaviorismo Watsoniano/Metodológico, o Mediacional/Neobehaviorismo e o Radical. Estes se diferenciam em vários pontos e se convergem em outros. O objetivo geral do presente artigo foi identificar as mais relevantes influências e precursores de cada Behaviorismo, assim como suas principais características. Além disso, teve como objetivo específico aprofundar sobre o Behaviorismo Radical, visto que é a filosofia da ciência em vigor sobre os estudos do comportamento em psicologia. No Behaviorismo Metodológico, Watson torna o comportamento observável seu objeto de estudo sendo influenciado fortemente pelo objetivismo e mecanicismo, estudos em psicologia animal e a psicologia funcional. O Behaviorismo Mediacional/Neobehaviorismo adicionou a nova variável “organismo” ao estudo comportamental da proposta watsoniana, tendo como precursores Tolman e Hull. Por fim, o Behaviorismo Radical criado pelo psicólogo B. F. Skinner com uma proposta de visão monista divergindo do behaviorismo watsoniano têm como principais influências Darwin, Thorndike e Ernst Mach. Seu objeto e estudo é o comportamento compreendido como a relação entre o organismo e o seu ambiente, a qual é mutuamente influenciável.

Palavras-chaves: Behaviorismo Watsoniano; Behaviorismo Metodológico ou Mediacional/Neobehaviorismo; Behaviorismo Radical.

ABSTRACT

The Behaviorism, understood as a theoretical approach to psychology, presents three philosophical positions: Watsonian/Methodological, Mediatonal/Neobehaviorism and Radical Behaviorism. These differ at several points and converge at others. The main objective of this article was to identify the most relevant influences and precursors of each Behaviorism, as well as its main characteristics. Furthermore, the specific objective was to delve deeper into Radical Behaviorism, as it is the current philosophy of science regarding behavioral studies in psychology. In Methodological Behaviorism, Watson makes observable behavior his object of study, being strongly influenced by objectivism and mechanism, studies in animal psychology and functional psychology. The Mediatonal Behaviorism/Neobehaviorism added the new variable “organism” to the behavioral study of the Watsonian proposal, with Tolman and Hull as precursors. Finally, Radical Behaviorism created by psychologist B. F. Skinner with a proposed monistic vision diverging from Watsonian behaviorism has its main influences Darwin, Thorndike, and Ernst Mach. Its object and study is behavior understood as the relationship between the organism and its environment, which is mutually influenceable.

Keywords: Watsonian Behaviorism, Methodological or Mediatonal/Neobehaviorism Behaviorism and Radical Behaviorism.

Recebido em 27 de fevereiro de 2024. Aprovado em 19 de abril de 2024

¹ Professora de Psicologia da Universidade Paulista (Campus Goiânia), Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás como bolsista PROSUC/CAPES (2023). Possui Ontario College Graduate Certificate do curso Autism Behaviour Science na instituição Mohawk College, Canadá.

² Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás como bolsista PROSUC/CAPES (2023). Pós-graduada (lato sensu) em Psicoterapia Analítico-Comportamental (2018/2) e em Psicoterapia Analítico-Comportamental Infanto-Juvenil (2020/2). Licenciada e Bacharela em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás (2015/2).

³ Professora titular da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Mestre em Psicologia Experimental pela Universidade de Brasília (1989), doutora em Psicologia Experimental pela University College of North Wales, Bangor, UK (1994) e pós doutora na Universidade de Brasília (2015-2017).

INTRODUÇÃO

Um paradigma é um modelo de pensar a ciência que vigora por um período de tempo, proporcionando as perguntas a serem investigadas e algumas respostas às perguntas fundamentais. A psicologia ainda não alcançou o estágio paradigmático, onde haveria um consenso sobre algumas questões teóricas e metodológicas fundamentais. Analisando o panorama histórico e atual da psicologia moderna é possível classificá-la em estágio pré-paradigmático, em que há diferentes escolas de pensamento, mas não há um paradigma dominante (Kuhn, 1962/2020; Schultz & Schultz, 2005). Até hoje vigoram algumas escolas de pensamento dominantes que não possuem muitos pontos de convergência, mas sim profundas divergências teóricas e metodológicas, por exemplo: o behaviorismo, a psicanálise, a *gestalt*, entre outros. Mesmo com essas diferenças, o que parece uni-las demonstra ser o compromisso com a ciência, mesmo que o comprometimento com o mesmo tipo de ciência não ocorra (Chiesa, 2006).

Todo conhecimento será desenvolvido e se dará em um momento histórico específico, com particularidades e características de cada sociedade. Dessa forma, pode-se entender o conhecimento como histórico e social, como cita da Silveira (2005) “Toda epistemologia é histórica, ou não é epistemologia. Histórica porque se constrói a partir da história do conhecimento humano. Histórica porque se altera com as descobertas científicas e com as mudanças de valores e interesses, isto é, possui uma história” (p. 2).

Como ciência, a psicologia teve a sua consolidação no final do século XIX. Wilhelm Wundt é considerado o pai da psicologia moderna e o fundador da psicologia como disciplina formal na academia com a criação do laboratório de Psicologia, em Leipzig, na Alemanha (Schultz & Schultz, 2005; Moreira e Hanna, 2012). Enquanto ciência, este é considerado o grande marco da consolidação da psicologia. Apesar deste ser considerado o ponto de fundação formal desta nova ciência, aconteceu um acúmulo extenso de vários agentes criativos ao longo da história para a formação dessa área de conhecimento (Schultz & Schultz, 2005).

Para além de Wundt, outros teóricos relevantes surgiram propondo novos objetos de estudos e métodos de investigação a psicologia. Entre estes teóricos estão Hermann Ebbinghaus que propôs os primeiros estudos experimentais de aprendizagem e memória; Franz Brentano com foco nos estudos em atividades mentais e Carl Stumpf apresentando o método de introspecção da fenomenologia. Apesar de proporem divergências as propostas de Wundt, os primeiros psicólogos tinham como objetivo central a consolidação da psicologia como ciência independente, distanciando-a da concepção de conhecimento pautada em especulações e estudo da alma que até então vigorava (Schultz & Schultz, 2005).

A partir das propostas desses primeiros psicólogos, muitas concepções teóricas acerca da psicologia foram sendo consolidadas, tais como o estruturalismo proposto por Edward Titchener e a psicologia funcionalista que teve como precursor William James (Schultz & Schultz, 2005). Muitas correntes, atribuíram as explicações a causas internas ao indivíduo e na segunda metade do século XIX, os psicólogos começaram a nomear a psicologia de ciência da “mente”, tendo como principal método a introspecção. Entretanto, outros teóricos deste mesmo século não concordavam com a introspecção como método de estudo e buscavam uma proposta de método mais objetiva, com medidas replicáveis e verificáveis (Baum, 2006/2019). Seguindo essa proposta de metodologia mais objetiva, uma abordagem teórica com intuito de compreender o comportamento humano que foca suas explicações na interação do indivíduo com o ambiente surgiu, sendo denominada de Behaviorismo a qual será o objetivo deste artigo.

O Behaviorismo surgiu nos Estados Unidos da América com John B. Watson, desde seu surgimento ele passou por mudanças, o seu processo de desenvolvimento culminou com: 1) o Behaviorismo Metodológico ou Watsoniano, 2) no Behaviorismo Mediacional/Neobehaviorismo e o 3) Behaviorismo Radical. Essas três versões do

Behaviorismo apresentam algumas posições filosóficas e teóricas com pontos convergentes e divergentes. O Behaviorismo é uma escola de pensamento da psicologia, mas também é o nome de uma filosofia da ciência, seu pressuposto central: é possível uma ciência do comportamento. A ciência que se propôs a estudar o comportamento foi chamada de análise do comportamento (Baum, 2006). O objetivo geral do presente artigo foi identificar mais relevantes influências e precursores de cada Behaviorismo, assim como suas principais características. Além disso, teve como objetivo específico aprofundar sobre o Behaviorismo Radical, visto que é a filosofia da ciência em vigor sobre os estudos do comportamento em psicologia.

O Behaviorismo Metodológico/ Watsoniano

No ano de 1913 o psicólogo John. B. Watson publicou o manifesto “*Psychology as the behaviorist views it*” (“*A psicologia como o behaviorista vê*”), ficando conhecido como o marco inaugural do Behaviorismo. Neste artigo, Watson propôs que a psicologia deve ser estudada como uma ciência natural, tornando o comportamento observável seu objeto de estudo e refutando a introspecção como método. Esta nova visão se opôs ao mentalismo, ignorando fenômenos como consciência, sentimentos e estados mentais. O comportamento para Watson era explicado por relação entre estímulos e comportamentos (Schultz & Schultz, 2005; Carrara, 2005; Strapasson & Carrara, 2008; de Carvalho Neto, Tourinho, Zilio, & Strapasson, 2012).

De acordo com Strapasson & Carrara (2008), o autor K. S. Lashley (1923) foi o primeiro autor a utilizar a expressão “Behaviorismo Metodológico”. Partindo da proposta dualista, um dos seus pressupostos foi reconhecer fatos da experiência interna como existente, mas excluí-los do estudo científico, assim, o comportamento observável seria o objeto de estudo nessa nova ciência. Essa concepção rompeu com o que tradicionalmente foi considerado o objeto de estudo da psicologia, a mente/estados mentais.

Três grandes influências impactaram o trabalho de Watson, como a tradição filosófica do objetivismo e do mecanicismo, estudos em psicologia animal e a psicologia funcional. A obra “*A Origem das Espécies*” de Charles Darwin (1859) teve um impacto muito grande na psicologia como um todo, a teoria da evolução tornou plausível se pensar em um contínuo evolutivo entre diferentes espécies. A partir de então, o comportamento animal passou a ser objeto de estudo para se compreender o comportamento humano.

Outros autores o influenciou, como o fisiologista Francis Romanes foi quem sistematizou e formalizou o estudo da então chamada “*inteligência animal*”, usava o método de observação do comportamento animal e tentativa de explicação por meio de um exame introspectivo dos processos mentais, mas ainda tinham o foco em verificar uma consciência ou inteligência animal (Schultz & Schultz, 2005). Jacques Loeb trouxe mais objetividade às pesquisas, W. S. Small introduziu os labirintos na pesquisa com ratos em 1900. Thorndike produziu importantes estudos em psicologia animal experimental como a “*lei do efeito*”, Washburn pontuou a necessidade de observar os comportamentos animais sem a necessidade de inferências mentais, o que marcou o fim do uso de termos “*mente animal*” (Schultz & Schultz, 2005).

As contribuições das pesquisas de Ivan Pavlov foi marco para a proposta de Watson. O fisiologista russo desenvolveu estudos sobre reflexos e foi quem primeiro demonstrou experimentalmente como se dá a aquisição (aprendizagem) de novos reflexos, chamado de condicionamento respondente ou clássico ou pavloviano (Moreira & Medeiros, 2018). Ele estudou diversos reflexos, porém as pesquisas mais conhecidas são as focadas nas respostas ao alimento. Em sua pesquisa mais conhecida com um cão, após diversos pareamentos de som-alimento, um cão inicia um processo de salivação e de secreção de substância digestiva no estômago somente com a presença do tom (Baum, 2006/2019). Ele forneceu um método de

estudo do comportamento e uma maneira de controlá-lo e modificá-lo que influenciou o trabalho de Watson e Skinner no futuro.

A influência da psicologia funcionalista se deve pela insatisfação da introspecção como método, interesse em produzir uma ciência mais objetiva. A psicologia proposta por Watson foi influenciada pelas ideias do positivismo, que fazia parte do "espírito da época". Alguns exemplos dessa influência podem ser observados pela tradição filosófica do objetivismo e do mecanicismo, tentativa de se fazer uma ciência objetiva com base no que pode ser observado e medido (Schultz & Schultz, 2005). Existiu um paralelo entre a proposta de Watson e o positivismo-lógico, mesmo que a visão Watsoniana tenha surgido alguns anos antes. Algumas semelhanças entre elas foram a relutância para com as discussões metafísicas (Strapasson & Carrara, 2008).

A primeira parte do trabalho de Watson focou na psicologia animal, que tentava generalizar perguntas e hipóteses para o comportamento humano. Em um segundo momento seu foco foi no estudo com crianças, propondo o ambiente como responsável pelo desenvolvimento humanos e de hábitos; nesta época realizou o experimento conhecido como Pequeno Albert, onde ele demonstrou que medos e fobias podem ser adquiridos por meio de condicionamento respondente. Watson deixou a psicologia devido a um escândalo pessoal e foi para o campo da publicidade onde obteve sucesso (Jacó-Vilela, Ferreira & Portugal, 2018).

O Behaviorismo Mediacional/ Neobehaviorismo

Em um movimento de insatisfação com a proposta teórica do Behaviorismo Metodológico de Watson, desenvolveu-se por meio das principais ideias de Tolman e Hull, o behaviorismo mediacional, conhecido também como neobehaviorismo. Este behaviorismo foi um movimento plural que tentou melhorar a explicação do comportamento de Watson, adicionando a nova variável "organismo" ao estudo comportamental. Moore (2017) descreve que essa variável orgânica tem como objetivo mediar a relação entre S (estímulo) e R (resposta). Ou seja, os estímulos externos os quais são observáveis publicamente ativam as entidades mediadoras não observáveis, e estas causam, diante de mecanismos internos mais complexos, respostas observáveis.

Uma influência importante para esta nova geração foi o desenvolvimento do conceito denominado de operacionalismo. O operacionalismo foi proposto e defendido por Harvard Percy W. Bridgman, em 1927, por meio de seu livro *The Logic of Modern Physics*. Propõe-se que os conceitos se apresentem em termos mais precisos e firmes e as definições que não tenham esses referenciais físicos fossem descartados. Enfatiza-se que a linguagem e terminologia científica sejam mais objetivas e precisas e que a ciência trabalhe com problemas que sejam concretamente observáveis e também fisicamente demonstráveis. Logo, os neocomportamentalistas do final dos anos 20 e início dos 30 adicionaram essa influência em suas abordagens. (Schultz & Schultz, 2005).

Em 1922, Tolman propõe sua teoria em uma tentativa de resgatar a psicologia introspectiva e manter as bases objetivas do behaviorismo de Watson, sem excluir a função dos mediadores internos entre o estímulo e a resposta. Sendo assim, o behaviorismo muda-se de uma estrutura S-R para uma S-O-R. (Chiesa, 2006). Tolman, defendia a intencionalidade do comportamento e enfatiza o papel das variáveis mediacionais, cognitivas na compreensão do comportamento dos organismos. Sendo representante da teoria S-O-R, a qual dá importância a uma posição internalista e de mediação, sendo considerado um precursor das teorias cognitivistas (Costa, 2002).

No artigo de Tolman em 1948, a qual objetivou compreender a aprendizagem de ratos em um labirinto, ele descreveu que:

"Acreditamos que no curso do aprender, algo como um mapa de campo do meio ambiente se estabelece no cérebro do rato. Nós concordamos com outra escola a qual pontua que o rato no caminho do labirinto é exposto a estímulos e finalmente levado, como resultado desses estímulos, a respostas que realmente ocorrem. (Tolman, 1948, p.192)."

Para tanto, o mapa cognitivo seria compreendido como uma construção teórica que está localizado dentro do organismo e tem sua própria estrutura complexa. Nos anos seguintes a Tolman, representando também este behaviorismo, desenvolveu-se a proposta de Clark L. Hull, propondo um livro em 1938 sobre o comportamento dos organismos, o qual descreve um sistema estritamente matemático, enfatizando o método de postulação-dedução. (Chiesa, 2006).

O sistema de Hull está ancorado nas abordagens mediacionais S-O-R, devido ao fato de se referir a constructos teóricos, como por exemplo a força do hábito, inibição condicionada e impulso. A explicação das respostas dos organismos pautava-se em algum aspecto interno do organismo. Há uma diferença entre os estímulos internos de Tolman e Hull, em que este último compreende os constructos neurológicos como mediadores entre o estímulo e resposta, os quais poderiam em algum momento ser explicados em modelos matemáticos. Ou seja, a natureza mediacional para Hull era compreendida como sendo de natureza neurofisiológica, enquanto para Tolman era de natureza propriamente cognitiva. (Costa, 2002; Chiesa, 2006).

Em ambas as propostas teóricas, abordagens mediacionais com constructos teóricos operacionalmente definidos, o sujeito é compreendido como mantendo contato apenas com a instância mediadora e não com o ambiente externo observado (Moore, 2017). Assim, apesar de algumas semelhanças com a proposta Skinneriana e estarem em momentos históricos próximos, essas abordagens se distanciam filosoficamente dos pressupostos do behaviorismo radical como será descrito a seguir. Ao resgatar variáveis/explicações internalistas e mentalistas para explicar o comportamento, essa proposta não provocou uma ruptura epistemológica, porém acabaram se tornando precursores do cognitivismo.

O Behaviorismo Radical

O psicólogo B. F. Skinner foi responsável por criar o Behaviorismo Radical, que é a filosofia da ciência que orienta a Análise do comportamento. Seu pressuposto básico é a possibilidade de estudar o comportamento de forma científica, logo ele pode ser investigado para se chegar aos processos básicos e é passível de ser explicado, previsto, controlado (Baum, 2006). A parte experimental desta ciência é Análise Experimental do Comportamento (AEC) e a parte aplicada é Análise Aplicada do Comportamento (ABA).

Diferentemente do behaviorismo metodológico que tinha uma proposta dualista, o behaviorismo radical tem uma proposta monista (Baum, 2006). Nesta proposta, não há distinção entre mundo objetivo e subjetivo, interno e externo, considerando que a análise do comportamento dá conta do que ocorre no mundo e do comportamento que aparece neste mundo. O behaviorismo metodológico se baseia no realismo, e compreende que o mundo objetivo é comum a todos, passível de ser estudado de forma objetiva e o mundo interno/subjetivo seria inacessível aos outros e, portanto, impossível de ser estudado de forma objetiva. Isso significa que o behaviorismo metodológico enfatiza a descrição dos comportamentos de forma mais mecânica e próxima a fisiologia. Já o Behaviorismo Radical se baseia no pragmatismo, que torna mais coerente o abandono da distinção entre objetivo e subjetivo. Ao invés de se basear as descrições em métodos, baseia-se em termos e conceitos buscando a descrição mais coerente, incluindo as funções e razões de um comportamento ocorrer (Baum,2006/2019).

Skinner resgatou o interesse sobre o estudo dos eventos privados, como memória, sentimentos, pensamento; algo que o Behaviorismo Watsoniano ignorou. O Behaviorismo radical se baseia no Pragmatismo, com uma visão Monista de homem, sem diferença entre mente-corpo. Para Skinner os comportamentos privados não têm uma natureza diferente dos outros comportamentos públicos, a diferença se dá pela questão do acesso direto de outras pessoas, apenas a pessoa que se comporta pode ter acesso direto aos seus eventos privados (de Sousa Cunha & Borloti, 2009), diferentemente do Behaviorismo Watsoniano que tinha uma visão Realista, admitia esse dualismo excluiu eventos privados de sua ciência (Baum, 2006).

Alguns autores que influenciaram o Behaviorismo Radical foram: Darwin, Thorndike, Ernst Mach. Darwin foi uma influência importante para Skinner, principalmente acerca da compreensão de seleção pelas consequências e de causalidade. No conceito de seleção natural proposto, todos os organismos vivos apresentam a variação genética que produzem características mais ou menos adaptativas aos ambientes, assim essas características eram selecionadas pelo ambiente naturalmente de acordo com a funcionalidade (Schultz & Schultz, 2005). Como afirma Skinner (1953/2003) “Darwin, ao insistir na continuidade das espécies, abalou a crença de que o homem, com sua habilidade de pensar, era único entre os animais” (p.65).

Essa proposta de explicação sobre a continuidade das espécies contrapõe a visão teológica construída ao longo dos anos até aquela época. Assim, a seleção ambiental, como afirma Chiesa (2006) se refere a um modelo de causalidade que não requer contiguidade e nem que os espaços entre as variáveis dependentes e independentes sejam ocupados por sequência de eventos discretos. Se a seleção darwinista diz sobre a seleção ao longo do tempo de características biológicas, o behaviorismo radical apela para a seleção ao longo do tempo de características de comportamentos dispostos no repertório individual, ou seja, variação e seleção de novos comportamentos.

O psicólogo Thorndike em 1898 formulou uma das primeiras tentativas mais sistematizadas com objetivo de compreender as mudanças ocasionadas pelas consequências do comportamento, a qual foi denominada de Lei do Efeito. Nos experimentos realizados com gatos, Thorndike verificou que após as sucessivas vezes em que o gato era colocado em um alçapão, seu comportamento de escapar ocorria cada vez mais rapidamente. De acordo com Thorndike, este processo não ocorria devido a uma explicação interna, de raciocínio do gato, mas sim pelo fato de que o comportamento permaneceu pois era seguido pela abertura da porta. As repetidas tentativas em sair do alçapão foram colocadas em formas de representações de gráficos, desenvolveu-se uma curva de aprendizagem (Skinner, 1953/2003).

Skinner realizou diversos estudos com animais, principalmente, ratos e pombos, construiu o aparelho de condicionamento operante para realizar diversos estudos (Schultz & Schultz, 2005). A história inicial da análise experimental do comportamento apresentou três obstáculos: dificuldades relacionadas a mudanças de condições na instituição de trabalho do Skinner; recepção negativa ao novo método de pesquisa, pois se tratava de uma nova proposta de experimentação para uma ciência experimental do comportamento e por fim, a disputa com outros psicólogos, principalmente Hull e Tolman, os quais também buscavam o domínio de seus sistemas científicos na psicologia experimental norte-americana. Skinner recebeu muitas críticas por se distanciar das propostas da tradicional psicologia animal, apresentando pesquisas com delineamento experimental de sujeito único (Cruz, 2011).

Em estudos posteriores, com sujeitos humanos e infra-humanos, os resultados demonstraram que uma recompensa a uma determinada resposta a fortalece, mas que uma punição a uma determinada resposta não produz o efeito negativo comparável ao efeito positivo. Seus estudos foram importantes como uma explicação relacionada a interação entre respostas/comportamentos a estímulo antecedente e consequentes, ou seja, a forma com que

aprendem (Schultz & Schultz, 2005). Essa lei teve uma influência significativa para Skinner, principalmente quanto à compreensão da ocorrência do processo de aprendizagem.

O teórico Ernst Mach também se destacou como uma influência de grande importância para Skinner principalmente por meio de seu trabalho desenvolvido no livro *Science of Mechanics* de 1893/1960. A delimitação sobre o conceito de causa ressaltada por esse físico do século XIX, passou a ser a utilizada por Skinner na sua posição teórica. Como afirmado por Skinner (1931):

"Podemos agora assumir aquela visão mais humilde de explicação de causalidade que parece ter sido sugerida pela primeira vez por Mach e agora é uma característica comum do pensamento científico em que, em uma palavra, a explicação é reduzida à descrição e a noção de função substitui a de causalidade (Skinner, 1931. p. 446)."

Skinner, através dessa influência desenvolve, a ideia de relações funcionais ao invés da compreensão de agência causal. Ocorreu um afastamento ao longo da história da noção de causa em ciência como uma força de poder inerente a um acontecimento que produz ou afeta outros, para a aproximação da explicação de relações funcionais entre os acontecimentos. Mach compreendia que falar em causa e efeito na natureza seria como descrever as relações observadas. No esquema de Skinner, uma modificação na variável independente substitui a causa e a mudança ocorrida na variável dependente substitui a ideia de efeito. E essa relação entre causa e efeito são compreendidas como as relações funcionais (Chiesa, 2006).

A análise do comportamento tem como objeto de estudo o comportamento (Todorov, 2007), Skinner (1938/1991) definiu comportamento como: “a parte do funcionamento do organismo que está engajada em agir sobre ou ter intercâmbio com o mundo externo” (p.23). O comportamento deve ser compreendido como uma relação entre o organismo, que se comporta, e o seu ambiente, sendo que essa interação entre estímulos e respostas é mutuamente influenciável (Catania, 1999; Pessoa e Velasco, 2012).

O comportamento pode ser dividido didaticamente em duas classes, comportamentos reflexos/respondentes e os comportamentos operantes. O comportamento respondente é uma relação em que um estímulo elicia uma resposta específica, relação (S-R) (Catania, 1999; Leonardi e Nico, 2013). O comportamento operante é aquele que opera o meio, modificando e conseqüentemente é modificado pelo meio (Skinner, 1957), ele é selecionado e mantido por suas conseqüências. A unidade de análise do comportamento operante é a tríplice contingência (estímulo discriminativo – resposta – estímulo conseqüente), ela é um instrumento conceitual usado para analisar relações funcionais entre estímulos e comportamentos (Todorov, 2012).

O comportamento é produto de três níveis de seleção, sendo eles: filogenético, ontogenético e cultural. O primeiro nível de seleções é o filogenético, responsável pelas características das espécies, biológicas. O segundo nível de seleção é o ontogenético, responsáveis pela seleção na história e das particularidades de cada indivíduo. O terceiro nível de seleção é o cultural, é o que seleciona as práticas verbais e não-verbais compartilhadas por um grupo e transmitidas aos seus membros. (Skinner 1971; Skinner,1991; Starling, 2000; Baum, 2006). Os organismos humanos têm os seus comportamentos, inatos ou adquiridos, selecionados por conseqüências. Sendo assim, mesmo se tratando de condicionamento operante ou na seleção evolutiva de determinadas características de um comportamento as conseqüências alteram as probabilidades futuras de sua ocorrência (Skinner 1953/2003).

No dia a dia, os organismos tanto podem se comportar de forma individualizada ou podem se comportar em razão de uma ou outras pessoas. Para Skinner (1953/2003), comportamento social é “o comportamento de duas ou mais pessoas em relação a uma outra ou em conjunto em relação ao ambiente comum” (p.325). Um exemplo de comportamento social é o comportamento verbal. Entretanto, há uma diferença entre uma comunicação e o comportamento verbal. Por exemplo, ao apresentar um padrão fixo de ação, tal qual levantar a

sobrancelha a alguém como sinal de saudação (antecedente – estímulo-sinal) esse comportamento pode afetar uma pessoa e isso ser uma comunicação. Porém, para ser comportamento verbal, para além da comunicação ele também depende das consequências (Baum, 2006/2019). O comportamento verbal é um comportamento mantido por consequências fornecidas por um ouvinte que foi treinado pela comunidade verbal a agir de forma esperada (Barros, 2003).

As consequências fornecidas por um ouvinte são mediadas por um outro organismo que participa de um episódio verbal. Para existir um episódio verbal, não é necessária uma quantidade exata de pessoas pré-definida, o mais importante é que as funções exercidas de ouvinte, de produzir reforço ao comportamento do falante, e do falante de produzir Sds para o comportamento do ouvinte estejam presentes. Além disso, falante e ouvinte devem pertencer a uma comunidade verbal comum sendo possível que se revezem nestes papéis (Skinner, 1957/1978; Simonassi & Cameschi, 2003; Baum, 2006/2019). Assim como outros comportamentos operantes, o comportamento verbal exige reforço intermitente para ser mantido é modelado ao longo do tempo por aproximações sucessivas e é persistente (Baum, 2006/2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deste a da publicação de Watson do manifesto “A psicologia como o behaviorista vê”, diferentes proposições de Behaviorismo surgiram. O Behaviorismo Metodológico surge de uma proposição dualista, torna o comportamento observável seu objeto de estudo (Carrara, 2005), ignorando os eventos privados/internos, e foi fortemente influenciado pelo objetivismo e mecanicismo, estudos em psicologia animal e a psicologia funcionalista. Como o próprio nome diz, o foco deste behaviorismo era principalmente o seu método de fazer ciência (Schultz & Schultz, 2005).

A proposta do Behaviorismo Mediacional/Neobehaviorismo também surge de uma proposição dualista, adicionou a nova variável “organismo” ao estudo comportamental da proposta watsoniana, tendo como precursores Tolman e Hull e foi um dos precursores da psicologia cognitivista. Este sistema diz respeito sobre um tipo de behaviorismo que não se aproxima nem do Watsoniano e nem do Skinneriano, por incluir explicações fisiológicas com comportamento e trazer a cognição (Carrara, 2005).

O Behaviorismo Radical de Skinner surge de uma proposição monista, seu objeto de estudo é o comportamento, aqui compreendido como a relação entre o organismo e o seu ambiente, a qual é mutuamente influenciável. O modelo de causalidade aqui é de seleção pelas consequências, procura-se descrever relações funcionais e entende-se que o comportamento é multideterminado. Skinner também traz uma nova perspectiva sobre o estudo do comportamento, trazendo a formulação e estudos sobre comportamento respondente e operantes, no âmbito do comportamento humano, passa a considerar os eventos privados como passíveis de serem estudados e explicado na análise do comportamento e cria o comportamento verbal (Baum, 2006, Carrara, 2006). Sendo assim, descrever o Behaviorismo Mediacional sem apresentar o Metodológico, ou o Radical sem os dois últimos seria incoerente com seus processos de desenvolvimento histórico e conceitual tão significativos para a filosofia da ciência sobre os estudos do comportamento em psicologia.

REFERÊNCIAS

- Barros, Romariz da Silva. (2003). Uma introdução ao comportamento verbal. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 5(1), 73-82.
- Baum, W. M. (2006/2019). *Compreender o Behaviorismo: Comportamento, Cultura e Evolução*. Porto Alegre: Artmed Editora.

- Catania, A. C. (1999). *Aprendizagem: Comportamento, Linguagem e Cognição*. Arned (4 edição), Porto Alegre.
- Carrara, K. (2005). *Behaviorismo radical*. UNESP.
- Chiesa, M. (2006). *Behaviorismo Radical: A filosofia e a ciência*. Editora Cealeiro.
- Costa, N. (2002). *Terapia analítico-comportamental: dos fundamentos filosóficos à relação com o modelo cognitivista*. Editora: ESEtec.
- da Cruz, R. N. (2011). Percalços na História da Ciência: BF Skinner e a Aceitação Inicial da Análise Experimental do Comportamento entre as Décadas de 1930 e 1940. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(4), 545-554.
- da Silveira, M. A. (2005). O que é epistemologia? IO Colóquio em Epistemologia e Pedagogia das Ciências.
- de Carvalho Neto, M. B., Tourinho, E. Z., Zilio, D., & Strapasson, B. Â. (2012). BF Skinner e o mentalismo: uma análise histórico-conceitual (1931-1959). *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, 22, 13-39.
- de Sousa Cunha, L., & Borloti, E. B. (2009). O efeito de contingências de reforçamento programadas sobre o relato de eventos privados. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 11(2), 209-230.
- Jacó-Vilela, A. M., Ferreira, A. A. L., & Portugal, F. T. (Eds.). (2018). *História da psicologia: rumos e percursos*. Nau Editora.
- Kuhn, T. S. (1962/2020). *A estrutura das revoluções científicas*. Editora Perspectiva SA.
- Leonardi, J. L. & Nico, Y. (2013). *Comportamento Respondente*. Org. Borges, N. B., & Cassas, F. A. (2009). *Clínica analítico-comportamental: aspectos teóricos e práticos*. Artmed Editora.
- Moore, J. (2017) *Behaviorismo Metodológico*. *Revista brasileira de análise do comportamento*. 13 (2) 94-98.
- Moreira, M. B., & de Medeiros, C. A. (2018). *Princípios básicos de análise do comportamento*. Artmed.
- Moreira, M.B. & Hanna, E.S. (2012). Bases filosóficas e noção de ciência em análise do comportamento. In H.M.M.C. et al. (Org), *Temas clássicos da psicologia sob a ótica da análise do comportamento*. (1-19).
- Pessôa, C. V. B. B., & Velasco, S. M. (2012). *Comportamento Operante. Clínica analítico-comportamental: aspectos teóricos e práticos*. Porto Alegre: Artmed, 24-31
- Schultz, D. P., & Schultz, S. E. (2005). *História da psicologia moderna*.
- Simonassi, Lorismário Ernesto, & Cameschi, Carlos Eduardo. (2003). O episódio verbal e a análise de comportamentos verbais privados. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 5(2), 105-119.
- Skinner, B.F. (1931) The Concept of the Reflex in the Description of Behavior. *The Journal of General Psychology*. 5(4), 427-458.
- Skinner B.F. (1938/1991). *The behavior of organisms*. Acton, MA: Copley; 1991
- Skinner, B.F. (1953/2003). *Ciência e Comportamento Humano*. (Trad. João Claudio Todorov). Martins Fontes.
- Skinner, B. F. (1957/1978). *Verbal behavior*. New York: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1971/2002). *Beyond freedom and dignity*. Hackett Publishing.
- Skinner, B. F. (1974/2006). *Sobre o behaviorismo* (MP Villalobos, trad.). São Paulo.
- Skinner, B.F. (1991). *Questões recentes na análise comportamental*. Campinas, São Paulo: Papyrus.
- Starling, R. (2000). A interface comportamento/neurofisiologia numa perspectiva behaviorista radical: o relógio causa horas? In R.R. K. (Org.), *Sobre Comportamento e Cognição: Conceitos, pesquisa e aplicação, a ênfase no ensinar, na emoção e no questionamento clínico* (p. 3-15).
- Strapasson, B. A., & Carrara, K. (2008). John B. Watson: behaviorista metodológico?. *Interação em Psicologia*, 12(1).

- Todorov, J. C. (2007). A Psicologia como o estudo de interações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Vol. 23 n. especial, pp. 057-061
- Todorov, J. C. (2012). Sobre uma definição de comportamento. *Perspectivas em análise do comportamento*, 3(1), 32-37.
- Tolman, E. C. (1948). Cognitive maps in rats and men. *Psychological Review*, 55(4), 189–208.
- Watson, J. B. (1913). Psychology as the behaviorist views it. *Psychological review*, 20(2), 158.